

Unidade e diversidade na Lusofonia – ensino do Português no estrangeiro*

Laura Areias**

Resumo

Com a (minha) metáfora sobre a abrangência da língua, pretendo levar o público estudantil a “aceitar” que todos os povos banhados por este “rio”, a língua portuguesa, [que corre nas veias de cada povo] têm o direito a beber da sua água, da nascente (o português no espaço e no tempo) até a foz. Consequentemente, cada povo “cozinhará” a sua cultura de diferentes maneiras consoante os “temperos”, os solos, o clima, a religião, etc. Procura-se assim contrariar o preconceito de que há um Português de primeira, segunda ou terceira classes, fundado na ignorância e no parco conhecimento das manifestações artísticas, por ex., desses povos que muito tempo levaram a penetrar em Portugal. A experiência da docência no estrangeiro, além de necessária, é um momento privilegiado para consolidar uma correta visão da extensão e variedade do mundo da lusofonia. Se, durante muitos anos, os manuais abrangiam apenas a língua e a cultura do português europeu, é mais que tempo de alargar fronteiras, e o Leitor preparado e experimentado, que não se poupe a esforços, pode proceder a uma seleção de textos-de-autor para as leituras da aula ou leituras aconselhadas. A primazia destes, lidos, vistos e ouvidos (crônicas, contos, filmes, peças de teatro, trechos de novelas televisivas) sobre os diálogos criados *ad-hoc*, obstam à artificialidade coagida pela abordagem de tópicos gramaticais a ensinar. Mas, dosado em dificuldade, esse material torna-se muito mais aliciente e proporciona ao aluno a apreensão da identidade muito própria de cada nação ou espalhada por “ilhas” de comunidades antigas e jovens, espalhadas pelos cinco continentes. A presença da cultura do outro na sala de aula mostra o diferente e promove o seu respeito. O humor, que pode ser um fator de seleção, mostra também uma faceta identitária muito própria. Ensinar é formar: o exemplo contém o propósito de, ao ser assimilado, ser também regorgitado e praticado.

Palavras-chave: Língua-rio. Textos-de-autor. Respeito. Identidade. Nação.

* O presente texto é uma reflexão sobre a minha mais recente experiência docente, como Professora Visitante na Universidad de Puerto Rico, junto a estudantes do terceiro semestre do Curso de Língua Portuguesa, depois de ter exercido o magistério em diversos países de línguas diversas, e ter levado a nossa cultura aos cinco continentes, desde 1971. Totalmente livre para conduzir o curso, exceto na adoção do manual, e possuidora de uma razoável larga e longa experiência, tanto na aprendizagem como no ensino de língua, pude finalmente alargar o campo de visão dos meus alunos, no tempo e no espaço, através de textos literários, filmes, dramatização; interagir até com os outros docentes de Língua Portuguesa; levar os alunos a cruzar saberes com outras disciplinas que frequentavam, como por exemplo, o Teatro. Para levar à prática essa intenção, há que contar com a disponibilidade material do estabelecimento de ensino, ou, na falta, com o meu acervo intelectual e material, reunido ao longo de uma vida. E o resultado foi – apesar das lutas, reivindicações e greves estudantis, da presença da polícia de choque e do gás lacrimogéneo dentro e ao redor do Campus, do medo dos jovens e suas famílias que me levaram a repetir aulas em cafés e no átrio da Igreja –, uma satisfação plena, para eles e para mim, que recordamos agora com uma imensa saudade.

** Doutora em Literatura pela Universidade de Tulane, Louisiana. Investigadora integrada do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Lisboa (CLEPUL). (E-mail: lauraareias@hotmail.com).

A língua portuguesa é como um rio que, correndo da nascente, vai banhando antigos e novos povos/culturas, que, bebendo dessa água, lhe dão usos e diferentes utilizações sendo variados os seus resultados, transformando-se cada um de modo diferente, sempre com essa água correndo-lhe nas veias...

É minha a metáfora que poderá servir como imagem inteligível a um público estudantil que, ou tem preconceito de superioridade relativamente à língua de colonização, ou sendo de país estrangeiro e novato no estudo desse mundo tão vário que é a Lusofonia, ignora as suas componentes e a sua dimensão.

Esse preconceito, exibido com despeito em exclamações como “nós fomos os primeiros, eles vieram depois” – muito em evidência nos últimos anos nas posições que se têm tomado em ataque do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – tem sido difícil de desarraigar, porque vive instalado e alimentado pelas famílias portuguesas mais conservadoras e pela ignorância que julga perder privilégios. Só com boa insistência nos valores artísticos indiscutíveis, de países como o Brasil – apesar embora as limitações que sempre houve na divulgação da sua cultura –, se conseguem ir preenchendo lacunas perniciosas. Excetuando talvez a música e alguns escritores que se tornaram muito populares em Portugal pela sua qualidade e pelas suas posições políticas, ainda em meados XX, como Érico Veríssimo ou Jorge Amado, a grande e longa projeção que, desde os anos 1970, tem tido em Portugal a telenovela – sobretudo nos anos de produções de grande qualidade ou em que a televisão não sofria ainda a concorrência da internet –, a literatura, a crítica, as artes plásticas, o teatro e o cinema só recentemente viram franqueadas as portas ao público português, independentemente do seu grau de cultura e estatuto social.

Relativamente aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste, a desconfiança será talvez maior ou porque a independência política e cultural é muito mais recente ou pelo desconhecimento, como o caso deste último país, tão afastado da Europa, da África e da América do Sul, tão ilhado, tão único e tão só, lá no sol nascente da Indonésia.

Assim, a docência no estrangeiro é um momento ideal para alargar e consolidar a experiência do que é o mundo, uno e vário, da língua portuguesa. Casos haverá em que o Leitor ou outros docentes, por compromisso com o seu país de origem, que nunca é da África ou da Ásia, escolham ou sejam levados a escolher manuais em que se exclui outra realidade que não seja a de Portugal ou a do Brasil, cada um a seu dono. Essa foi a política que se estendeu por décadas. Nos anos 1980, por exemplo, um manual de Português poderia estar orientado para uma faixa de emigração, sobretudo na Europa, mas a cultura africana estava ausente dos textos. O Manual de Português para húngaros, *Portugál Nyelvkönyv*,

vertente portuguesa, escrito pela autora deste artigo, enfermava dessa mesma estreiteza de horizonte geográfico, limitado ainda, como outros manuais, aos cenários urbanos em que se esboçava uma pequena história com personagens da média burguesia da capital do país em convívio com estudantes estrangeiros – imitação da realidade. Atrevíamo-nos a uma incursão informativa, num subcapítulo, pela província (história, monumentos, iguarias gastronómicas, reproduzidos a preto e branco) – que hoje seria substituída por simples e rápida consulta no GOOGLE. Mesmo assim, era o melhor que se fazia. Aliás, continua a haver uma preferência por “fabricação de textos *ad-hoc*” para enquadrar estruturas gramaticais, o que é compreensível, mas empobrece o conteúdo, quando não o torna artificial, como seja o caso de um texto que se crie para ensinar o presente ou o imperfeito do conjuntivo/subjuntivo.

Essa confeção, pelos autores/professores, de diálogos, ainda que seja notória uma preocupação pela naturalidade, é aceitável numa primeira fase do aprendizado, por razões que se prendem com os graus de dificuldade dos “textos de autor”, menos ou mais literários. Contudo, à medida que o aluno progride, é de todo o interesse o uso de pequenos contos, de crônicas que trazem a marca da fala real, isto é, uma prosa construída a partir do retrato de uma realidade pessoal ou social, que por sua vez traz uma marca identitária. O caso de Mia Couto pode ser discutível, relativamente ao excelente e riquíssimo livro *Cronicando*, por exemplo, escrito nos dois últimos anos da década de 1980, e premiado em 1989. Mia inventa verbos, adjetivos, advérbios, vira provérbios de pernas para o ar, mas que continuam a ter sentido, quiçá outro, mas o conceito de que parte existe na língua portuguesa – é “verdadeiro” o seu humor desencantado – na vida dos moçambicanos, em Moçambique. E é um exercício divertido, de filologia, descobri-lo ou desmascará-lo. Diz a propósito o docente da Universidade de Coimbra e investigador, Pires Laranjeira (2007, p. 532):

A sua imaginação arregimenta a técnica do neologismo e da frase criando uma norma moçambicana, para pô-la ao serviço de acções que se querem narradas por vozes castiças, mas que se exprimem arresadadamente, com visões do mundo complexas, embora dando a impressão de serem provenientes do interior de Moçambique [...] O resultado é um discurso terno e irónico, fundindo caricatura e simbolismo do mosaico cultural. É uma escrita ficcional sofisticada, talvez similar da luxúria discursiva ibérica, que conjuga a dramaticidade com o ludismo.

Luis Fernando Veríssimo, no seu primor de concisão – *As mentiras que os homens contam* e *Sexo na cabeça*, só para citar duas obras – é um excelente manancial para a aquisição e compreensão, já não só da Língua Portuguesa, mas da cultura brasileira. Preparou até com Ana Maria Machado as *Comédias para ler na Escola*, já orientadas – na organização do volume por

temas – para o ensino, considerando certa faixa etária e grau de dificuldade. Essa *Escola* que é o seu destinatário é muito mais ampla geograficamente do que o ensino secundário brasileiro: é também uma escola qualquer onde se ensinam falantes da língua ou estrangeiros curiosos a amar uma maneira de expressar tão peculiar, tão próxima e tão distante, tão igual mas ao mesmo tempo tão mais gostosa – e que os alunos saborearam.

Fazendo o ponto da situação, não há dúvida de que a marca autoral nos manuais de ensino (ou num caderno-apêndice – como foi o caso presente em análise) seria um toque de identidade nacional, não forjada, mais natural. Ainda que o conteúdo seja mais ou menos intemporal, colhe e traz a matriz de um momento de um povo.

Há universidades em cujos departamentos preferem não adotar qualquer manual. Obviamente que isso acarreta muito mais trabalho ao professor, além de exigir uma sólida preparação científica e pedagógica e bom-senso, na escolha do material para ilustrar e praticar cada passo na aprendizagem da língua. Ainda aqui, como nos casos anteriores, as obras de autor – sejam textos literários, textos para cantar ou dramatizáveis – são o mais aliciante.

Nesse e noutros casos, um problema a enfrentar é a distribuição livreira local e, mais complexo ainda, é o seu custo para o estudante. Sem contar com a morosidade do processo, desde que são encomendados no início do semestre, logo que o professor apresenta o seu programa/syllabus, até à chegada à mão do estudante. Consequentemente recorre-se à internet, em que muitos livros estão digitalizados, e às infalíveis fotocópias – malgrado os atentados contra os “direitos de autor”. A variedade de realizações da fala no mundo da língua portuguesa – desde a Europa, a América, a África até o Timor – pode ser desanimadora para o professor menos treinado. Exige esforços de contenção, organização para bem distribuir livros, conhecimento de realidades e culturas tão díspares e respeito por todas elas. Mas conta com a agradável surpresa, perante a novidade, de um público que não imaginava a dimensão e variedade da Lusofonia.

Se é um fato que o manual de Português utilizado na Universidade de Porto Rico pelos professores de nacionalidade portuguesa, *Português XXI* (volume 3), de Ana Tavares, para o terceiro semestre do Curso de Língua, dedica 10 unidades a Portugal, e apenas a 11^a ao Brasil e a 12^a à África e ao Timor, foi necessário um trabalho prévio do professor, que não quisesse ser hegemônico, na dosagem de áreas geográficas e culturais a dar a conhecer no espaço de um semestre. O docente pode ou não ter continuidade na sequência do curso, completando ou enriquecendo aspectos apenas abordados, cada um valer-se-á dos seus conhecimentos e das suas preferências, colorindo a paleta. Atrever-se-á ainda a alargar-se por territórios onde se falou português enquanto colônias, Províncias Ultramarinas ou “inquilinos”, e que, ao serem anexadas como o caso de Goa, Damão e Diu, ou por ter terminado o contrato de arrendamento à China, como Macau, guardam, todavia, marcas civilizacionais.

Com as grandes movimentações de povos – por fuga ou obrigação de guerra, diversos motivos de exílio, razões económicas, por amor até –, “o que é meu passou a ser nosso”. Voltamos à metáfora do rio, a qual é aplicável também ao Latim e a suas derivadas línguas românicas, ou a qualquer outra “Mãe” de um ramo linguístico, na Europa, no mundo. Assistimos curiosamente a duas forças (conciliáveis?): uma centrípeta, tendente a eliminar as diferenças fonéticas – o novo acordo ortográfico; outra centrífuga, que arrasta (e reflui) a língua mãe para outros territórios, absorvendo-lhes as novas letras (k, w, y), palavras de outras regiões culturais onde confluem dialetos ou línguas indígenas, e o português. Estamos perante o ex-barbarismo – no sentido grego, entenda-se – “bué”, que consta do Dicionário da Academia das Ciências. Se há palavras, como essa, ou expressões (em viagem entre Portugal e Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde; por via televisiva, nas anedotas recíprocas, ou em correntes migratórias) que, por força do uso, se tornaram “patrimônio”, elas não perdem a sua marca de origem, e, como tal, as reconhecemos. São as metáforas em que o Brasil é riquíssimo, a “saudade” de que os portugueses teimam ufanamente em reivindicar a exclusividade, ou as *tournures* sintáticas de Pepetela, de Luandino Vieira – só para citar os africanos mais conhecidos –, de Daniel Munduruku ou de Maria Valéria Rezende, brasileiros ambos. O ritmo Kizomba, o autocarro/ônibus/machimbombo, a maka (querela), a fofoca, o roboteiro, o cara ou gajo, o bróder são termos que circulam para lá e para cá e se tornaram mais ou menos familiares no nosso mundo, mas trazem o selo de outra nação. Concretizando: no conto de Pepetela “O meu país é bué” ou nas crônicas brasileiras de Luis Fernando Veríssimo ou de M. Valéria Rezende, respectivamente, há uma sintaxe identificável como pertencendo a outros falares portugueses – seguem-se os exemplos: a frase elítica de descrédito de Dona Fefa quando ralha ao filho Lito por este revelar a descoberta de poços de petróleo nos quintais da vizinhança: “– Deixa de brincadeiras, não vês estou a trabalhar?” (PUJOL FILHO, 2009, p. 173); a perda do pronome reflexo na conjugação verbal: “[...] a mãe assustou [-se]” (PUJOL FILHO, 2009, p. 173); a troca, característica da oralidade da preposição de movimento pela preposição de lugar: “assim nunca mais chego no Mercado Central” (PUJOL FILHO, 2009, p. 62); a anteposição do pronome oblíquo e o gerúndio “– Está me achando com cara de boba? Ou de palhaça?” (VERÍSSIMO, 2002, p. 36). Modelos que podem ser também ouvidos nas ruas de Lisboa, onde africanos, brasileiros e portugueses se cruzam e convivem a todo o momento.

Reconhecemos o kimbundo no português de uma página de prosa, na letra de uma canção, mas torna-se inacessível quando seus falantes conversam entre si – emerge então a sua identidade, o que era público não o é mais, a privacidade sobrepôs-se à abertura que encontrámos no espaço-escola, onde o diferente convive com o diferente, onde o livro busca a unidade.

Por isso, o utilíssimo livro de contos, recentemente publicado no Brasil, intitulado *Desacordo Ortográfico*, em que bailam tantas normas, deve-se entender como uma provocação jocosa à unidade fonética que convive com as grafias e semânticas de cada um dos países lusófonos.

Cada crônica, cada conto, cada filme, cada canção que se apresenta à classe por parecer mais facilmente assimilável ou pelo valor da sua concisão – são textos relativamente curtos – é, cada um deles, um rasgo da presença da cultura do *outro*, na sala de aula. Para lá da metáfora da “água do rio” que a todos igualmente alimenta, há uma realidade individual “cozinha”, muito própria. Quando os alunos se confrontam com a solidão de personagens de “famílias perdidas por esse mato ou sabe-se lá por onde...” (PUJOL FILHO, 2009, p. 176), sabem que estão perante as consequências da guerra colonial e da sua sucessora guerra civil, em Angola, em Moçambique. Estarão também em Timor onde a erradamente chamada “descolonização” os deixou nas mãos da milícia indonésia e do *bahassa* malaio, quando lhes chegam, entoados na missa dominical, os cânticos na nossa língua, soando às baladas de remotas ilhas do Pacífico.

Outro ângulo de observação, que houve a preocupação de ter em conta e já aludido anteriormente é o humor inerente aos textos escolhidos. Na maioria, o cômico de situação, frequentemente associado ao cômico de linguagem, caracteriza uma época, uma vivência, um preconceito. Quando, no conto de Pepetela (PUJOL FILHO, 2007, p. 173), Miúdo Lito corre a confidenciar ufanamente à mãe que o seu país é bué porque vão ficar todos ricos, cada um vendendo o petróleo do seu poço no quintal, e esta se interroga sobre o fato de as vanglórias que se aprendem na escola serem as mesmas que se criticam na rua, sabemos estar perante realidades angolanas, para além de linguísticas, econômicas, sociais e políticas ingenuamente abordadas por uma criança e manhosamente por um adulto. Se um homem perdeu a aliança de casamento numa sarjeta da rua e tem que mentir à mulher para que ela continue a confiar nele por ter “confessado” que a traiu, estamos perante o preconceito, que infelizmente extrapola a latinidade, de que é característica do macho mentir, aqui levado a uma situação caricata (VERÍSSIMO, 2002, p. 37).

Numa autora africana mulher, sobretudo ao tratar-se de vozes autobiográficas, acresce-se um estigma da palavra calada, por hierarquia e gênero – valores antropológicos e marcas identitárias em confronto com o modelo feminino europeu atual. É Paulina Chiziane rebaixando e desclassificando o homem africano – polígamo por tradição mítica e, por herança muçulmana preponderante e vaidoso –, tornando-o brinquedo das suas mulheres. Embora não sendo textos curtos, mas romances, a sua escrita, pretensamente tão espontânea, encerra e revolta-se numa crítica que tem muito do cariz pedagógico e didático tanto da tradição oral africana como da pós-modernidade – através da paródia – e permite introduzir a visão feminina e feminista pós-colonial.

Finalmente, ensinar é formar: o que se transmitiu pela leitura, pelo exemplo, tem o propósito de ser assimilado, regorgitado e praticado. A sala de aula é mostra para ser palco e extravasar muros ensinando em cadeia o que se aprendeu. Assim se quis – mostrando o respeito pela diversidade que é a identidade nacional.

Recebido em março de 2011.

Aprovado em abril de 2011.

Unity, Diversity in Lusophony: the Teaching of Portuguese Abroad

Abstract

“Portuguese language – as any other language – is like a river in which different peoples, bathed by the same river, have the right to drink its water from its source to its mouth. Consequently, each people will cook their culture in different ways depending on the seasoning, soils, climate, religion, etc.” By using this metaphor about the breadth of the language in class, I aim to counteract the prejudice that there is a first, second or third class Portuguese language, founded on ignorance and poor knowledge of the art forms of peoples of colonized countries. My experience of teaching abroad over twenty years, has showed me that it is a privileged moment to consolidate a correct view of the extent and variety of the Lusophone world. If, for many years, the manuals have only covered the Portuguese language and culture of Europe, it is high time to extend boundaries. The prepared and experienced reader, who does not spare efforts, may make a selection of text by author for his class or recommended readings. The primacy of authentic material, read, seen and heard, (short stories, chronicles, films, plays, lyrics) on the ad-hoc dialogues hinders the artificial presentation of text-books for learning any grammatical new structure. On the other hand, measured in difficulty, this material becomes much more attractive and makes the student aware of the identity of each nation as well as of other spots all over the world where the Portuguese settled. The presence of other cultures in the classroom shows the difference and promotes respect. Humor can be an interesting factor of selection and shows a very peculiar feature of identity. Teaching is shaping: this “example” proposes practice.

“Portuguese language – as any other language – is like a river in which different peoples, bathed by this river, have the right to drink its water from its source to its mouth. Consequently, each people will cook their culture in different ways depending on the seasoning, soils, climate, religion, etc.” By using this metaphor about the breadth of the language in class I aim to counteract the prejudice that there is a first, second or third class Portuguese language, founded on ignorance and poor knowledge of the art forms of peoples of colonized countries. My academic experience abroad over twenty years, has showed me that it is a privileged moment to teach foreign language and culture. It is an exceptional situation for not only giving this message but introducing the broad Lusophone world. Foreign students, as outsiders, are more open so they assume attitude of pleasure and fascination toward the eight countries in which Portuguese is the official language, as well as towards many other spots all over the world where the Portuguese settled. Fighting the artificial presentation of *ad-hoc* dialogues in text-books for learning any grammatical new structure, I have experimented texts by author – short stories, chronicles, films, plays, lyrics. Although such practice demands long lasting experience and a well prepared teacher, its value is to present a true (or fictional true) identity of a nation. By showing their cultural values, which hardly penetrated in Portugal for centuries, we may promote an attitude of respect for the difference. Humor can be an interesting factor of selection and shows, a very peculiar feature of identity. Teaching is shaping: this “example” itself, being assimilated, proposes, practice.

Keywords: Flowing. Text by author. Respect. Difference. Identity.

Referências

- AREIAS, Laura et al. *Portugál Nyelvkönyvö*. Budapest: Nemzeti Tankönyvkiado, 1994.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. Lisboa: Caminho, 2002.
- COUTO, Mia. *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991.
- PUJOL FILHO, Reginaldo (Org.). *Desacordo Ortográfico*. Porto Alegre: [s.n.], 2009.
- DUTRA, Robson. *Niketche* e os vários passos de uma dança. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). *A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007. p. 309-315.
- LARANJEIRA, Pires. O feminino e a escrita: espinhoso marfim. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). *A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007. p. 527-534.
- TAVARES, Ana. *Português XXI*. Lisboa: Lidel, 2008. v. 3.
- VERISSIMO, Luis Fernando. *As mentiras que os homens contam*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.